

ITINERÁRIOS DE PESQUISA PELAS HUMANIDADES AMBIENTAIS: UMA NARRATIVA PESSOAL

Suênio Stevenson Silva¹

Este artigo é um recorte das reflexões teóricas oriundas da minha tese de doutorado defendida em 2019 na Universidade Estadual da Paraíba. Seguindo a linha metodológica de pesquisa narrativa, apresento uma visão panorâmica dos estudos interdisciplinares das Humanidades Ambientais. Para tal, recorro a alguns dos ecocríticos cujas produções teóricas mais recentes foram essenciais para elaboração do meu trabalho. Assim sendo, noções de Antropoceno, ecocrítica material, ficção climática, ecologia prismática e pós-humanismo são algumas das abordagens que me ajudaram a trilhar meus itinerários de pesquisa pelos estudos ecocríticos contemporâneos.

Palavras-chave: Humanidades Ambientais, Ecocrítica, Pesquisa Narrativa.

SCHOLARSHIP ITINERARIES THROUGH ENVIRONMENTAL HUMANITIES: A PERSONAL ACCOUNT

This paper is an extract from the theoretical framework of my doctorate thesis defended at the State University of Paraíba in 2019. Following the so-called narrative scholarship methodology, I provide a panoramic view of interdisciplinary studies in the Environmental Humanities field. In doing so, I rely on some ecocritics whose most recent publications have been essential to the development of my thesis. Thus, notions of Anthropocene, material ecocriticism, climate change fiction, prismatic ecology and post-humanism are some of the critical approaches which paved the path for my scholarship itineraries through the contemporary ecocritical studies.

Keywords: Environmental Humanities, Ecocriticism, Narrative Scholarship.

Este artigo consiste em um breve recorte das considerações teóricas da minha tese de doutorado defendida em junho de 2019 na Universidade Estadual da Paraíba.

¹Professor da UFCG. sueniostevenson@hotmail.com

Lembro-me que ainda na fase de construção do projeto que resultou no trabalho final de tese, quando me solicitavam para falar sobre minha pesquisa, eu, de modo muito breve, mencionava tratar-se de um estudo ecocrítico. Muitas vezes, já me antecipava à pergunta seguinte do/a interlocutor/a e recorria a uma versão reduzida da definição de ecocrítica, proposta por Glotfelty, e então disparava: “é um estudo literário que trata da relação entre literatura e meio ambiente”. Minha resposta era de fato bem objetiva, mas era a forma mais fácil de explicar a teoria pela qual estava dando meus primeiros passos.

Por algum tempo, andei com a definição de Glotfelty na ponta da língua, para oferecer a quem quer que desconhecesse a existência de um estudo dessa natureza. Algumas pessoas reagiam com certa surpresa, achando a proposta interessante; já outras, nem tanto, talvez por desconhecimento da diversidade da área, não se furtando a expressar algum tipo de desdém. Muitas vezes, numa perspectiva meio reducionista, pensavam a ecocrítica como limitada aos chamados *green studies* [estudos do verde]. O fato, porém, é que a ecocrítica vai muito além desse verde que é símbolo já convencional, quando se trata da natureza de um modo geral. Ao longo da minha trajetória enquanto pesquisador da área, aprendi a repensar minhas concepções sobre isso também.

Esse preâmbulo é o ponto de partida para as reflexões deste artigo. O tom pessoal evidenciado já nas primeiras linhas tem a ver com a abordagem metodológica que segue a linha da *narrative scholarship*. A expressão inglesa não tem uma fácil traduzibilidade para o português, para o que eu sugeriria como possível tradução “estudo narrativo” ou “pesquisa narrativa” (ambas, tentativas mais aproximadas, em termos literais), ou até mesmo “narração de pesquisa” (numa tradução mais livre, focada tanto nas relações entre as palavras como em sua identificação na prática aí envolvida). É, no entanto, uma abordagem sobre a qual Slovic (2016, p. 318, tradução minha) faz questão de destacar, como um ponto conceitual relevante, que seu objetivo “geralmente não é ressaltar a subjetividade singular do pesquisador, mas utilizar a linguagem aparentemente subjetiva da narração como um andaime para revelar uma experiência humana compartilhada de ideias, textos, realidades sociais, e mundo físico”.²

² No original: “the goal of narrative scholarship is usually not to highlight the unique subjectivity of the scholar, but rather to use the seemingly subjective language of story as a scaffolding to reveal a shared human experience of ideas, texts, social realities, and the physical world”.

Portanto, trazer as reflexões acima me ajuda a narrar um pouco da minha trajetória pela seara da ecocrítica. Ressalto, ainda, que a minha proposta neste artigo não é somente desenvolver uma discussão teórica, mas, sim, apresentar um breve relato do meu processo de familiarização com os conceitos-chave e terminologias no âmbito de uma pesquisa ecoliterária que realizei. Assim, algumas considerações quanto às noções de Antropoceno, humanidades ambientais e quanto à própria noção de ecocrítica norteiam, a partir das próximas linhas, a estrutura deste texto.

Nós, humanos, temos uma necessidade imanente de delimitar fronteiras em várias esferas da vida — e isso inclui a categoria do tempo. Precisamos de datas, por exemplo, para demarcar períodos num traço temporal e, conseqüentemente, dar sentido cronológico à nossa própria história. E, recentemente, um termo ganhou visibilidade como referência ao momento histórico em que o ser humano se torna uma força geológica, capaz de afetar toda a vida no planeta; trata-se do chamado *Antropoceno*. Devo salientar, no entanto, que, embora muitos estejam de acordo com essa “nova” fase geológica, não há ainda um consenso sobre quando o Antropoceno substitui o Holoceno. Em todo caso, trago esse primeiro termo como ponto de partida para esta discussão, não por causa de sua popularidade, mas pelas questões levantadas a seu respeito, que são fundamentais para os nossos tempos. Nesse sentido, escreve Moore:

Como os humanos se encaixam na rede da vida? Como diversas organizações e processos humanos — estados e impérios, mercados mundiais, urbanização e tanto mais — vêm transformando a vida planetária? A perspectiva do Antropoceno é, com razão, impactante e influente por introduzir essas questões nas principais correntes acadêmicas — e até mesmo (mas não de igual maneira) na consciência popular (2016, p. 2, tradução minha).³

A transição de uma época para outra é registrada a partir de mudanças significativas em termos de inscrições estratigráficas, ou seja, dos impactos que são identificados nas rochas ao longo do tempo. Cumpre, assim, a uma equipe de cientistas, representada por membros da *International Commission on Stratigraphy* [Comissão Internacional de Estratigrafia], verificar tais mudanças nas camadas geofísicas da Terra — e foi justamente por meio de pesquisas que também contaram com o *expertise* de

³ No original: “How do humans fit within the web of life? How have various human organizations and processes — states and empires, world markets, urbanization, and much beyond — reshaped planetary life? The Anthropocene perspective is rightly powerful and influential for bringing these questions into the academic mainstream — and even (but unevenly) into popular awareness”.

estudiosos/as de fora do campo de estudos geofísicos, como historiadores/as, que um grupo da citada comissão passou a considerar vários “eventos-limite” que demarcariam o nascimento do Antropoceno. Entre estes, incluem-se: a revolução neolítica, o fluxo de colonização nos séculos 16 e 17, a Revolução Industrial e os testes com armas nucleares. Sem dúvida, considerando esse amplo leque de possibilidades, seria possível sugerir vários Antropocenos, na verdade, em vez de um. Algo que repercute na concepção de humano para cada momento, uma vez que “cada data de início redefine a narrativa e o seu agente epônimo — o *antropos* como agricultor, conquistador, inventor, industrial, capitalista, ciborgue — e, assim, o modelo e as potenciais consequências dessa narrativa” (MENELY; TAYLOR, 2017, p. 03, tradução minha).⁴

Dentro desse arsenal de possibilidades, a palavra Capitaloceno⁵ vem sendo utilizada como uma alternativa, em termos de nomenclatura, para dar conta da complexidade imanente à definição de Antropoceno. Como a própria palavra sugere, “Capitaloceno faz alusão ao capitalismo como forma de organizar a natureza — como uma ecologia mundial capitalista multiespécie e bem situada” (MOORE, 2016, p. 6, tradução minha).⁶ O termo, sem dúvida, parece-me interessante e pertinente, se levarmos em consideração o quão impactantes podem ser muitos dos resultados do neoliberalismo capitalista, doutrina socioeconômica de forte predominância na contemporaneidade. Além disso, a discussão a respeito da complexidade do Antropoceno, como desenvolvida na obra de Donna Haraway (2016a), deixa claro o quanto este é um conceito desafiador.

Em seu livro, *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene* [Permanecendo com o problema: estabelecendo parentesco no Chthuluceno], a autora, de modo provocativo, usa sua criatividade com terminologias, oferecendo-nos caminhos de reconfiguração da nossa relação com o planeta e todos os seus habitantes, independentemente da espécie. Para tanto, Haraway sugere o neologismo

⁴ No original: “Each start date redefines the narrative, its eponymous agent — the Anthropos as agriculturalist, conquistador, inventor, industrialist, capitalist, cyborg — and thus the shape and potential outcomes of the story.”

⁵ *Capitalocene*, em inglês. O economista David Ruccio parece ter sido o primeiro a publicizar o conceito, em 2011, o qual passou, já no ano seguinte, a ser utilizado por Donna Haraway em várias de suas palestras públicas. Essas e outras informações sobre o Capitaloceno podem ser encontradas na coletânea de artigos organizada por Jason W. Moore (2016). Ver referências bibliográficas.

⁶ No original: “Capitalocene signifies capitalism as a way of organizing nature — as a multispecies, situated, capitalist world-ecology”.

“Chthuluceno”,⁷ em lugar de Antropoceno, como referência à atual época geológica. O termo cunhado pela autora permitiria uma descrição mais ampla, visto que, como enfatiza, humanos e não humanos estão hoje inextricavelmente conectados em práticas tentaculares. O mencionado neologismo traduz, assim, o dinamismo de diferentes forças e energias que fazem parte de um trabalho colaborativo intenso, que produz valiosos arranjos multiespécies. É justamente para fugir de uma delimitação temporal ou restrição de espécie que Haraway (2016a, p. 101, tradução minha) sugere o *Chthulucene*, que englobaria “passado, presente e o que está por vir”.⁸

A insistência de Haraway ao articular a sua teoria, sugerindo *Chthulucene*, em todo caso, é mais um indício da complexidade que paira sobre o entendimento do Antropoceno. Cabe lembrar, a esse respeito, que apontar uma data precisa para o surgimento da época nunca foi tarefa fácil. Se há algum consenso, é apenas em relação ao momento em que o termo foi cunhado pelos cientistas Paul J. Crutzen e Eugene F. Stoermer, no ano 2000 — na verdade, Stoermer o cunhou e utilizava ainda nos anos 1980, mas sem jamais formalizá-lo, o que só foi feito após Crutzen também chegar a ele, de forma independente, e os dois assinarem um texto conjunto, intitulado “The Anthropocene” [O Antropoceno], publicado como informativo do Programa Internacional da Geosfera-Biosfera, no referido ano da virada do século. Foi daí em diante que a palavra ultrapassou as fronteiras de áreas específicas, como a geologia, ganhando envergadura e relevância também em outros campos do saber. Isso se deu porque o termo Antropoceno, na sua própria etimologia, implica a ideia de “humano”, de maneira que as humanidades, em geral, e as artes e a literatura, de modo bem peculiar, viram-se convocadas a ler, refletir, criticar e produzir estudos a partir de uma perspectiva informada pelas marcas registradas dessa “nova” era geológica.

⁷ A palavra *Chthulucene* inspira uma fácil e rápida alusão a Cthulhu, nome de uma criatura horripilante, com vários tentáculos na face, criação do escritor norte-americano H. P. Lovecraft, em seu conto “O chamado de Cthulhu”, publicado em 1928. Porém, a ligeira diferença gráfica do termo cunhado por Haraway (onde vemos um dos agás em diferente posição) deve-se, segundo a própria autora, ao fato de seu neologismo estar menos ligado ao monstro de Lovecraft do que à palavra *chthulu*, derivada do grego *χθόνιος* (*khthonios*), que quer dizer “da terra” ou “por sob a terra”. Ainda assim, apesar dessa tentativa de afastar da definição de seu termo a figura monstruosa referida, a própria autora a reevoca, ao definir *Chthulucene* como espaços temporais reais e possíveis aos quais, sob nomes os mais variados, associam-se “*diverse earth-wide tentacular powers and forces*” [diversos poderes e forças tentaculares de amplitude globais] (HARAWAY, 2016a, p. 101, tradução minha), os quais são não raro associados a deuses ctônicos, isto é, a esses “*chthonic underworld powers who avenge crimes against the natural order*” [poderes ctônicos do mundo subterrâneo que vingam os crimes contra a ordem natural] (ibid., p. 54, tradução minha). Em todo caso, respeitando a manifesta escolha ortográfica e etimológica de Haraway, na tradução do termo *Chthulucene* para o português, adoto a forma “Chthuluceno”, tal como utilizada por Susana Dias, Mara Veronica e Ana Godoy, na sua tradução do ensaio de Haraway (2016b).

⁸ No original: “past, present, to come”.

Dentro dos estudos literários, o que caracteriza a teoria e a crítica é o seu aspecto dinâmico. Assim como os textos literários, tanto a teoria quanto a crítica se movimentam para acompanhar as tendências da contemporaneidade. Dito de outro modo, o estudo da literatura vai se adaptando às vanguardas emergentes. E a consciência da existência de uma nova fase geológica alimentou o imaginário de muitos escritores cuja produção seria informada pelo Antropoceno. Nesse sentido, quais seriam as dimensões literárias, consideradas do ponto de vista da geologia? A esse respeito, Menely e Taylor ressaltam que

uma prática de *leitura* de inscrições estratigráficas e de *narração* de histórias sugestivas, mesmo que improváveis [...] torna-se ainda mais acentuada durante o Antropoceno, esta que se propõe como sendo a época geológica na qual os humanos, coletivamente, passaram a competir com “algumas das grandes forças da natureza em [nosso] impacto no funcionamento do sistema da Terra” (MENELY; TAYLOR, 2017, p. 02, tradução minha).⁹

Porém, como categorizar uma produção literária nesse contexto, se há divergências no que se refere ao início desta “nova” época? Quanto a isso, vale destacar que, durante o meu período de pesquisa como bolsista *Fulbright* na Universidade de Idaho, pude frequentar uma disciplina com um nome bastante sugestivo: *Welcome to the Anthropocene: Post-WWII Literature and Culture* [Bem-Vindos ao Antropoceno: Literatura e Cultura Pós-Segunda Guerra Mundial]. De fato, o curso foi o meu *début* no entendimento de como a literatura abordaria o Antropoceno. Embora os cientistas ainda não houvessem chegado a uma conclusão precisa acerca da data-início da era em questão, a professora Jennifer Ladino foi coerente, ao meu ver, ao justificar sua escolha no plano de curso: a produção pós-guerra, coincidente com o surgimento de armas nucleares e a ampla difusão de elementos ecologicamente impactantes, como o plástico.

Um dos objetivos do curso era, assim, ler publicações teóricas sobre o Antropoceno e discutir, através de romances, contos e poemas da literatura norte-americana contemporânea, tópicos como: refugiados das mudanças climáticas, a extinção das espécies, poluição causada pelo plástico e acidificação dos oceanos. Dada, porém, a elasticidade temporal do termo, como frisei anteriormente, um curso dedicado à literatura colonial ou à literatura vitoriana sobre a Revolução Industrial inglesa

⁹ No original: “a practice of reading stratigraphic inscriptions and narrating evocative, if improbable, stories [...] become even more pronounced in the Anthropocene, the proposed geological epoch in which humans, collectively, have come to rival ‘some of the great forces of Nature in [our] impact on the functioning of the Earth system’”.

também seria, num caso ou no outro, coerente para se discutir o Antropoceno, o qual emerge como uma nova rubrica de leitura de textos literários.

Bem antes desse *boom* do Antropoceno nos anos 2000, a ecocrítica já figurava como uma possibilidade crítico-literária perpassada pelas questões ambientais. Na década de 1990, um grupo de estudiosos estadunidenses propôs a criação de uma associação com o intuito de fomentar pesquisas sobre a relação entre literatura e meio ambiente. Mais precisamente, em 1992, durante o encontro anual da Associação da Literatura Ocidental, surgiu a *Association for the Study of Literature and Environment* [Associação para o Estudo de Literatura e Meio Ambiente] (ASLE), cuja missão foi estabelecida nas seguintes direções: primeiro, promover a troca de ideias e informações no âmbito da literatura, levando em consideração a relação entre seres humanos e o mundo natural; segundo, encorajar uma nova escrita sobre a natureza, bem como abordagens acadêmicas tradicionais ou inovadoras referentes à literatura ambiental que ensejassem uma pesquisa de caráter interdisciplinar (Cf. GLOTFELTY, 1996).

A partir das discussões promovidas pela ASLE, uma publicação seminal veio à tona: *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology* [O livro da ecocrítica: marcos da ecologia literária], obra teórico-crítica, publicada em 1996 e organizada por Cheryll Glotfelty e Harold Fromm. Nela se encontra, aliás, a definição mais recorrente entre os/as ecocríticos/as, a qual expõe de maneira clara a proposta da teoria:

Dito em termos simples, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem centrada na Terra (GLOTFELTY apud GARRARD, 2006, p. 14).

A definição é pertinente por elucidar de modo sucinto a relação entre literatura e meio ambiente. No prefácio de uma publicação mais recente, *The Oxford handbook of ecocriticism* [O manual Oxford de ecocrítica] (2014), Glotfelty afirma, ainda, que a ecocrítica transformou a paisagem dos estudos literários. Concordo com a afirmação, por considerar a proposta dessa corrente de estudos viável, apesar de ainda bem jovem, se pensarmos na sua gênese na década de 1990, entendendo-a num fluxo contínuo que parte de um avanço rizomático, o qual tece conexões transnacionais.

O que quero destacar aqui, em todo caso e mais precisamente, é que a ASLE dos Estados Unidos pavimentou o caminho para que outras associações emergissem em

outros países, inclusive no Brasil. A criação de novas associações se justifica, talvez, pelo fato de se reconhecer a preocupação com o meio ambiente como algo urgente, de modo que tal certeza ajudou a consolidar a ecocrítica em nível mundial. Hoje, os/as ecocríticos/as constituem uma comunidade de pesquisadores/as internacionais que já se estende para muito além do contexto anglo-americano, no qual teve origem.

Essa internacionalização repercute diretamente no número de publicações a cada ano, como se poderia esperar. Sobre isso, Glotfelty (2014) faz um levantamento surpreendente, aliás, sobretudo por referir-se apenas ao número de antologias já publicadas sob a perspectiva ecocrítica. Assim, entre 1996 e 2000 teriam sido dezoito; de 2001 a 2005, vinte-cinco; de 2006 a 2010, trinta e três, e em apenas dois anos, de 2011 a 2012, vinte. Em 2019, com todo o leque não apenas de antologias, como também livros e artigos sobre o tema, essa é uma lista que já não mais precisa ser contabilizada. A internacionalização e a quantidade expressiva de publicações refletem a ecocrítica enquanto abordagem interdisciplinar, na qual se invocam conhecimentos de outras áreas, como, por exemplo, dos estudos ambientais, das ciências naturais ou dos estudos socioculturais.

Interdisciplinaridade é sem dúvida uma palavra-chave dentro dos estudos ecocríticos e unanimidade no discurso dos principais estudiosos da teoria. Tal afirmação é respaldada no principal periódico da área, o *ISLE — Interdisciplinary studies in literature and environment* [Estudos interdisciplinares em literatura e meio ambiente], estabelecido em 1993 por Patrick Murphy, com o fito de prover um fórum de discussões para estudos críticos das artes literárias e performáticas, tendo como ponto de partida considerações ambientais. Tais considerações incluiriam alguns tópicos importantes, a saber: teoria ecológica, ambientalismo, concepções de natureza e suas representações, as tensões na dicotomia humano/natureza e outras questões relacionadas (GLOTFELTY, 1996).

Outra publicação, já mais recente — *Environmental humanities: voices from the Anthropocene* (2017) [Humanidades ambientais: vozes do Antropoceno] —, reforça ainda mais o caráter interdisciplinar da ecocrítica. A obra, organizada por Serpil Opperman e Serenella Iovino, é uma das principais coletâneas mais atualizadas no que diz respeito à relação entre literatura e meio ambiente. Na introdução do livro, as autoras asseveram que:

Não é [...] surpresa alguma observar que as humanidades ambientais oferecem um conjunto rico de produção acadêmica

em que se combinam *insights* provenientes de muitas áreas de pesquisa. Elas forjam a reconfiguração e a extensão das noções de natureza, agenciamento e materialidade, que estão entrelaçadas constitutivamente na formulação de novos modelos teóricos de ambientalismo que aglutinam ecologias humanas e não humanas (OPPERMANN; IOVINO, 2017, p. 1, tradução minha).¹⁰

Como a definição acima sugere, as humanidades ambientais fortalecem a consciência da fusão de várias áreas do conhecimento, tais como as ciências sociais, as humanas e as ciências naturais, porque se juntam de maneiras diversas para abordar as crises ecológicas atuais a partir de perspectivas intimamente entrelaçadas, a saber: éticas, culturais, filosóficas, políticas, sociais e biológicas. Vale notar que o subtítulo da coletânea citada acima também evoca a diversidade das vozes com que se preocupa a ecocrítica e que nela mesma se fazem ecoar. As organizadoras, por exemplo, são uma turca (Oppermann) e uma italiana (Iovino) que, por intermédio da língua inglesa, ajudam a divulgar contribuições de pesquisadores/as anglófonos/as, assim como de outras línguas.

A internacionalização do campo das humanidades ambientais pode, enfim, ser um novo caminho para apontar algumas soluções possíveis para uma crise ambiental de ordem planetária. Acredito, a esse respeito, que um dos desafios será superar uma onda populista de extrema direita que, frequente e enfaticamente, nega a existência de tal crise em nome de interesses neoliberais. Aprofundo essa discussão na tese supracitada, até porque percebo no texto de Margaret Atwood uma crítica bem evidente nesse sentido.

Por ora, cabe ressaltar que as humanidades ambientais consistem numa área maior que abarca outras subáreas — inclusive a ecocrítica —, as quais dialogam entre si, refutando qualquer tipo de hierarquia no debate focado na questão central da vida no planeta. Além da ecocrítica, as outras subáreas são a filosofia e a história ambiental, os estudos críticos sobre os animais, as ecologias *queer*, os ecofeminismos, a sociologia ambiental, a ecologia política, o ecomaterialismo, o pós-humanismo, entre outros. A lista é de fato longa, e, a cada publicação, novos termos e reflexões surgem para dar conta da crise ecológica planetária sob uma perspectiva cultural. Mesmo reconhecendo

¹⁰ No original: “It is therefore not surprising to observe that the Environmental Humanities offer a rich array of scholarship with combined insights from many research fields. They forge reconfiguration and extension of the notions of nature, agency, and materiality, which are intertwined constitutively in formulating new theoretical models of environmentality that coalesce human and nonhuman ecologies”.

a importância das humanidades ambientais num todo, como um nicho importante para tratar das mazelas produzidas no mundo natural e das chagas sociais a elas relacionadas, volto o meu olhar restritamente à ecocrítica, pois foi assim que a área me foi apresentada há alguns anos.

O termo *ecocrítica* tem a sua primeira aparição em 1978, quando William Rueckert cunhou a palavra no ensaio “Experiment and ecocriticism” [Experimento e ecocrítica]. Mas, embora se possa apontar aí o nascimento oficial do termo, vale salientar que, tal como ocorre com a ideia de Antropoceno, uma prática de leitura voltada para as preocupações ambientais certamente já existia antes disso. Por outro lado, a oficialização de um nome faz com que as abordagens se tornem mais concretas.

Mesmo sendo uma área relativamente jovem, se comparada a outras correntes teórico-literárias, há, porém, um interesse por parte de alguns estudiosos/as em periodizar o movimento da ecocrítica. Assim, alguns ecocríticos/as vêm se ocupando em propor uma historiografia no sentido de oferecer uma cronologia do arco evolutivo da área desde o seu surgimento até o momento atual. É o que faz, por exemplo, Lawrence Buell, ao se apropriar das “ondas” do feminismo, utilizando-se dessa metáfora para propor uma periodização da ecocrítica. Tido como um dos estudiosos mais importantes da área, o autor sugere (cf. BUELL, 2005) que a ecocrítica já teria atravessado sua primeira e segunda ondas. Desse modo, na esteira dessa metáfora das ondas, outros ecocríticos, como Joni Adamson e Scott Slovic (2009), já apontam hoje para uma terceira fase dos estudos ecocríticos.

Sobre isso, aliás, cabe apresentar aqui algumas considerações mais recentes. Em seu artigo “Seasick among the waves of ecocriticism: an inquiry into alternative historiographic metaphors” [Enjoado em meio às ondas da ecocrítica: uma investigação das metáforas historiográficas] (2017), Scott Slovic amplia a discussão proposta por Buell. Na verdade, Slovic sugere que estaríamos no momento naquilo que seria nada menos que a quarta fase das tais ondas. Mesmo assim, o estudioso é cauteloso no que tange à imposição de uma data-limite para demarcar o início ou o fim de uma determinada fase da ecocrítica. Por outro lado, o autor considera que a metáfora das ondas é bem útil para marcar o desenvolvimento da área nos últimos trinta anos. De fato, como as ondas constituem um fluxo contínuo de vai e vem, elas nunca têm um fim, o que permite a compreensão de que as ondas da ecocrítica simplesmente não terminam quando uma nova tendência se inicia.

Práticas e ideias no âmbito das produções ecocríticas podem permanecer atuais e significativas, mesmo anos depois de sua publicação. Logo, creio que a primeira e a segunda ondas não podem jamais ser consideradas ultrapassadas, pois os escritos categorizados dentro dessas fases ainda oferecem conteúdos vibrantes para a discussão da área. Concorro, assim, com Slovic, quando critica a tendência que alguns estudiosos têm de micro-historicizar a ecocrítica em períodos mais curtos de tempo, por exemplo: de 1980 a 1995, de 1995 a 2000, de 2000 a 2008, de 2008 a 2012. Talvez, nisso se justifique a expressão utilizada no título de seu artigo: “seasick among the waves” [enjooado em meio às ondas]. Esse “enjoo” denotaria o sentimento ante a insistente demarcação de limites temporais. Nesse ponto, volto a salientar, dividir a ecocrítica em ondas, ainda que seja didático, esbarra na mesma dificuldade acerca de um fechamento de uma data-limite para o começo do Antropoceno.

Independentemente das fases e dos conflitos que a metáfora das ondas possa evocar, o que tenho observado ao longo do meu itinerário de pesquisa é o fluxo constante que marca a ecocrítica, com a expansão dos limites e a inclusão de vozes diversas de todo o mundo. O próprio Slovic, numa de suas publicações, já associou a ecocrítica ao famoso verso do poeta Walt Whitman, “*I am large, I contain multitudes*” [Eu sou vasto, eu contenho multidões]. De maneira análoga à ideia contida no poema, “Song of myself” [Canção de mim mesmo], Slovic refere-se à ecocrítica enquanto perspectiva teórica como movimento acadêmico amplo e múltiplo. A multiplicidade de textos e abordagens é um aspecto incontestado das humanidades ambientais. Ao mesmo tempo que a ecocrítica assusta por solicitar conhecimentos de outras áreas, realizar uma pesquisa por esta perspectiva é um desafio instigante. E, de fato, sair da minha zona de conforto, como um pesquisador da área de humanas e mais precisamente de crítica literária, tem me proporcionado descobertas e aprendizados surpreendentes. Sobre esse leque de possibilidades, gostaria de fazer, aliás, uma breve menção a algumas das publicações a que tive acesso recentemente e que ampliaram os meus horizontes em relação ao escopo dos estudos ecocríticos.

Primeiramente, vale destacar que estudar ecocrítica significa estar ciente da virada da filosofia materialista que abraça a área. Serpil Opperman e Serenella Iovino ressaltam, quanto a isso, um movimento com notáveis tendências filosóficas, que justificam a denominação que elas lhe dão: “ecocrítica material”. As autoras definem tal abordagem como

o estudo do modo como formas materiais — corpos, coisas, elementos, substâncias tóxicas, químicas, matéria orgânica e inorgânica, paisagens, e entidades biológicas — interagem umas com as outras e com a dimensão humana, de maneira a produzir configurações de significados e discursos que podemos interpretar como histórias. [...] Vista dessa forma, qualquer criatura viva, de humanos a fungos, conta histórias evolutivas de coexistência, interdependência, adaptação, hibridização, extinções e sobrevivências (IOVINO; OPPERMANN, 2014, p. 07, tradução minha).¹¹

A escolha dessa definição — ecocrítica material — para integrar este conjunto de ideias se justifica por dois motivos importantes: a) além de se articular com alguns dos temas que informam a minha tese (extinção e sobrevivência) sobre a trilogia *MaddAddam*, de Atwood, ela faz conexões com outras ideias, por exemplo, o conceito tentacular do *Chthulucene*, de Haraway; b) a compreensão de que a Terra de fato fala — falar, aqui, não no sentido usual, ao qual estamos acostumados, mas em outro que vai bem além do nosso pensamento antropocêntrico. Isso se dá porque parto do entendimento de que “[a] ideia biossemiótica implica que a vida sobre a Terra se manifesta numa *semiosfera* global e evolutiva, uma esfera de processos sógnicos e elementos de significado que constituem uma estrutura dentro da qual a biologia deve funcionar” (HOFFMEYER, 2008, p. 05, tradução minha).¹² Isto posto, já não se pode negar que “a biossemiótica parece oferecer modelos para o desenvolvimento de uma teoria semiótica de relações interdisciplinares e multiespécie que pode ser útil tanto para as ciências quanto para as humanidades ambientais” (WHEELER, 2017, p. 297, tradução minha).¹³

A ecocrítica também tem a ver com emoções que emergem como uma ferramenta poderosa de abordagem. A contribuição de Alexa Weik von Mossner (2017), nesse sentido, com o seu *Affective ecologies: empathy, emotion and environmental narrative* [Ecologias afetivas: empatia, emoção e narrativa ambiental], foi-me bastante

¹¹ No original: “the study of the way material forms – bodies, things, elements, toxic substances, chemicals organic and inorganic matter, landscapes, and biological entities – intra-act with each other and with the human dimension, producing configurations of meanings and discourses that we can interpret as stories. [...] Seen in this light, every living creature, from humans to fungi, tells evolutionary stories of coexistence, interdependence, adaptation and hybridization, extinctions and survival”.

¹² No original: “The semiotic idea implies that life on Earth manifests itself in a global and evolutionary *semiosphere*, a sphere of sign processes and elements of meaning that constitute a frame of understanding within which biology must work”.

¹³ No original: “biosemiotics seems to offer models for the development of an interdisciplinary and multispecies semiotic theory of relations that may be useful to the environmental sciences and humanities both”.

útil pelo fato da ênfase à vinculação dos aspectos cognitivos e mentais humanos na interação com narrativas de cunho ambiental literárias e fílmicas. Inclusive, apoio-me em Weik von Mossner ao explorar a ideia de empatia na minha análise literária. Ainda na direção das emoções, não poderia deixar de destacar *Numbers and nerves* [Números e nervos] (2015), de Paul Slovic e Scott Slovic — pai e filho, psicólogo e ecocrítico respectivamente, numa união interdisciplinar, discutem a importância de dados científicos, gráficos e números para comunicar questões importantes como mudanças climáticas.

Outra contribuição importante para os estudos ecocríticos é o volume *Global ecologies and the environmental humanities: postcolonial approaches* [Ecologias globais e as humanidades ambientais: abordagens pós-coloniais]. Como ressaltam os organizadores da obra, trazer a abordagem pós-colonial para o campo das humanidades ambientais significa relacionar análises culturais e históricas num pertinente cruzamento com preocupações ecológicas, enquanto se enfatizam as tensões entre diferentes formas de conhecimento e direciona-se a atenção para como as relações de poder afetam decisões ambientais, assim como práticas de múltiplas escalas, através de um movimento do local para o global (De LOUGUEREY et al., 2015). Nessa mesma direção, cito o aclamado *Slow violence* [Violência lenta] de Rob Nixon, que respalda a ecocrítica perpassada por discussões pós-coloniais. A ideia de *slow violence* [violência lenta] é assim definida:

Por violência lenta eu me refiro àquela que ocorre gradualmente e fora de vista, uma violência de destruição demorada que se espalha pelo tempo e pelo espaço, uma violência erosiva que tipicamente não é vista como tal. A violência costuma ser concebida como um evento ou como uma ação imediata no tempo e explosiva espetacular no espaço, manifestando-se como uma erupção cuja visibilidade se faz perceber instantaneamente (NIXON, 2011, p. 02, tradução minha).¹⁴

Retomando minhas reflexões em torno das possibilidades de estudo no campo da ecocrítica, ressalto a importância de estar atento à mutabilidade dos gêneros literários no contexto mais recente do Antropoceno. A emergência do gênero *cli-fi* é o reconhecimento de como a cultura assimila e reproduz a categoria das mudanças

¹⁴ No original: “By slow violence I mean that occurs gradually and out of sight, a violence of delayed destruction that is dispersed across time and space, an attritional violence that is typically not viewed as violence at all. Violence is customarily conceived as an event or action that is immediate in time, explosive and spectacular in space, and erupting into instant sensational visibility”.

climáticas. Já que a trilogia *MaddAddam*, *corpus* da tese, também pode ser inserida em tal categoria genérica, essas considerações se colocam como pertinentes. As contribuições às quais recorro para tecer reflexões sobre a *cli-fi* são de diversas fontes. Porém, refiro-me neste momento a Antonia Mehnert e seu livro *Climate change fictions: representations of global warming in American literature* [Ficções sobre mudança climática: representações do aquecimento global na literatura estadunidense] (2016) e a Stephanie Le Menager, com seu artigo “Climate change and the struggle for genre” [Mudança climática e a luta por um gênero literário] (2017): a) Menhert faz um estudo minucioso sobre romances da literatura estadunidense contemporânea, sugerindo que a ficção climática exerce um papel importante na configuração do nosso entendimento desta crise sem precedentes e, também, da forma como são guiadas as nossas respostas e ações para a questão do clima; b) LeMenager, por sua vez, discute como a *cli-fi* emerge como alternativa para ilustrar a batalha em torno do gênero informado e enformado pelas mudanças climáticas. Essa tensão em torno do gênero tem a ver com a busca de encontrar novos padrões de expectativas e novos meios de vida com uma série de condições limitantes sem precedentes.

Uma menção necessária que descontrói os estudos reducionistas da ecocrítica em torno da cor verde, símbolo incontestado da sustentabilidade e do mundo natural, é o livro *Prismatic ecology: ecoteory beyond green* [Ecologia prismática: ecoteoria para além do verde], organizado por Jeffrey Jerome Cohen (2013). Os ensaios da coletânea apontam para as implicações de outras cores, que vão além do verde, para se abordar discussões sob o ponto de vista ecocrítico. Claro que o verde estará sempre associado a ideia de prístino, de natural, intocável, à imagem de paisagens rurais e, principalmente, pré-industriais. Entretanto, para ser um ecocrítico, devemos ir além dessa concepção bucólica, mesmo porque várias outras cores podem estar atreladas ao meio ambiente. Para não me estender muito, destaco a seguir apenas uma amostra das indagações de Cohen sobre outras possibilidades:

E quanto ao catastrófico, ao perturbador, a ecologias urbanas, ao eruptivo, aos microclimas heterogêneos, às escalas de ser e de tempo inumanamente vastas ou minúsculas, aos espaços mistos onde é difícil manter a separação entre natureza e cultura? Por sob cada campo espalha-se um incontável cosmos de pedra primitiva, minhocas, detritos recentes, reservatórios de substâncias químicas naturais ou manufaturados, esterco fértil e venenoso. [...] Outras cores podem ser necessárias para determinar as marcas e os espaços intermediários criados por ecologias que não podem ser facilmente acomodadas nessas

extensões bucólicas das leituras verdes (COHEN, 2013, p. xxii, tradução minha).¹⁵

O caleidoscópio de cores e tonalidades é o que marca o meio ambiente e tudo o que existe. Assim, lentes prismáticas certamente serão mais apropriadas para se ter essa visão e concepção da diversidade cromática que nos cerca. Eu diria que observar as cores com mais atenção é um movimento importante para perceber os sinais de alerta que a própria natureza nos oferece constantemente. Portanto, os céus cinzentos, os rios escurecidos e os mares manchados de preto constituem mais alguns exemplos de como as cores podem ser vibrantes na comunicação da ação humana e sua repercussão na degradação da natureza. O despertar desta consciência policromática foi um divisor de águas no que tange ao meu entendimento de uma abordagem ecocrítica.

Antes de concluir este texto, eu não poderia deixar de destacar o pós-humanismo e sua importância para os estudos ecocríticos. Devo lembrar-lhes, ademais, que essa noção constitui um dos argumentos teóricos da minha tese, cuja motivação originou-se a partir do meu olhar de relance sobre a capa frontal¹⁶ do livro *The posthuman* [O pós-humano] (2013), de Rosi Braidotti. Embora eu já tivesse uma breve leitura da condição pós-humana sob a ótica de Lucia Santaella, bem como da genealogia do ciborgue de Donna Haraway, foi na disciplina *Environmental Humanities* [Humanidades Ambientais], ministrada pelo Prof. Scott Slovic, que me vi motivado a perscrutar a discussão teórica do pós-humanismo¹⁷ com mais profundidade. Inclusive, uma pergunta proposta pelo professor para engajar o debate, numa de suas aulas, ajudou-me a definir o aporte teórico da minha pesquisa: “*What are some possible applications of posthumanist theory?*” [Quais são algumas das possíveis abordagens da teoria pós-humanista?]. Foi diante dessa pergunta que constatei que a trilogia *MaddAddam*, objeto de estudo da minha tese, acomoda a teoria provocativa do pós-humano. Braidotti e

¹⁵ No original: “What of the catastrophic, the disruptive, urban ecologies, the eruptive, heterogeneous microclimates, inhumanly vast or tiny scales of being and time, the mixed spaces where the separation of nature and culture are impossible to maintain? Underneath every field stretches an unplumbable cosmos of primordial stone, worms, recent debris, reservoirs of natural and manufactured chemicals, poisonous and fertile muck. [...] Other colors may be necessary to trace the impress and interspaces created by ecologies that cannot be easily accommodated within the bucolic expanses of green readings”.

¹⁶ Na capa do livro de Braidotti consta uma versão feminina para o Homem Vitruviano, de Leonardo da Vinci.

¹⁷ Uma das publicações mais referidas acerca do pós-humanismo é o livro *What is posthumanism?*, de Cary Wolfe, publicado em 2010. Embora considere tal discussão bastante pertinente, priorizei a abordagem de outros estudiosos, em especial a de Braidotti (2013), por relacionar-se com meu itinerário de pesquisa a partir da metodologia da *narrative scholarship*. Daí a minha insistência em utilizar o termo “pós-humano” desde o título desta tese.

Hlavajova (2018) enfatizam que o pós-humano, enquanto área de pesquisa e experimentação, é acionado pela convergência do pós-humanismo e do pós-antropocentrismo.¹⁸ Tomando por base essa perspectiva, fiz de um dos meus objetivos traçar os temas do pós-humano mobilizados pelos elementos da narrativa de *MaddAddam*.

Com essas sucintas considerações, que seguramente não fazem jus à abrangência dos estudos ecocríticos, tentei oferecer uma pequena amostra da diversidade da área e do leque de possíveis abordagens com as quais as humanidades ambientais nos permitem enveredar por um campo de pesquisa que amplia as discussões para além da relação entre a literatura e o espaço físico. Portanto, como salientei logo no início, esta narrativa ecocrítica trata-se apenas de um recorte. Outras ideias podem ser encontradas em meu estudo sobre a trilogia *MaddAddam* que sugere uma urgente reflexão sobre um assunto bastante atual: a nossa responsabilidade para com o mundo no qual vivemos.

REFERÊNCIAS

ADAMSON, Joni; SLOVIC, Scott. Guest editors' introduction: the shoulders we stand on: an introduction to ethnicity and ecocriticism. *MELUS*, [s.l.], v. 34, n. 2, p. 05-24, 2009.

BRAIDOTTI, Rosi. *The posthuman*. Cambridge: Polity, 2013.

BRAIDOTTI, Rosi; HLAVAJOVA, Maria. Introduction. In: _____ (Org.). *Posthuman glossary*. Londres; Nova York: Bloomsberg Academic, 2018, p. 01-14.

BUELL, Lawrence. *The environmental imagination: Thoreau, nature writing and the formation of American culture*. Londres: Princeton University Press, 2005.

COHEN, Jeffrey Jerome. Introduction: ecology's rainbow. In: _____ (Org.) *Prismatic ecology: ecotheory beyond green*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013, p. xv-xxxv.

DELOUGHREY, Elizabeth; DIDUR, Jill; CARRIGAN, Anthony. (Ed.) *Global ecologies and the environmental humanities: postcolonial approaches*. Nova York; Londres: Routledge, 2015.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução Vera Ribeiro. Brasília: Ed. UnB, 2006.

¹⁸ Na introdução de *Posthuman glossary*, Braidotti e Hlavajova (2018) rapidamente diferenciam pós-humanismo de pós-antropocentrismo. Enquanto o primeiro tem foco na crítica do ideal humanista do "Homem" como o representante universal do humano, o segundo critica a hierarquia entre as espécies.

GLOTFELTY, Cheryll. Preface. In: GARRARD, Greg (Ed.) *The Oxford handbook of ecocriticism*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. ix-xii.

_____. Literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (Org.) *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Athens: The University of Georgia Press, 1996, p. xv-xxxvii.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 33-118.

_____. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham/London: Duke University Press, 2016.

HOFFMEYER, Jesper; FAVEREAU, Donald (Ed.). *Biosemiotics: an examination into the signs of life and the life of signs*. Tradução dinamarques-inglês Jesper Hoffmeyer e Donald Favareau. Scranton: University of Scranton Press, 2008.

IOVINO, Serenella; OPPERMAN, Serpil. Introduction: stories come to matter. In: _____ (Ed.) *Material ecocriticism*. Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press, 2014, p. 01-20.

LEMENAGER, Stephanie. Climate Change and the Struggle for Genre. In: MENELY, Tobias; TAYLOR, Jesse Oak (Ed.) *Anthropocene reading: literary history in geologic times*. Pensilvânia: The Pennsylvania University Press, 2017, p. 220-238.

MEHNERT, Antonia. *Climate change fictions: representations of global warming in American literature*. Los Angeles: Palgrave Macmillan, 2016.

MENELY, Tobias; TAYLOR, Jesse Oak. Introduction. In: _____ (Ed.) *Anthropocene reading: literary history in geologic times*. Pensilvânia: The Pennsylvania University Press, 2017, p. 01-24.

MOORE, Jason W. Introduction. In: _____ (Org.) *Anthropocene or capitalocene? Nature, history, and the crisis of capitalism*. Oakland: Kairos PM Press, 2016, p. 01-11.

MOSSNER, Alexa Weik von. *Affective ecologies: empathy, emotion, and environmental narrative*. Columbus: The Ohio State University Press, 2017.

NIXON, Rob. *Slow violence and the environmentalism of the poor*. Boston: Harvard University Press, 2011.

OPPERMAN, Serpil; IOVINO, Serenella. Introduction: the environmental humanities and the challenges of the anthropocene. In: _____ (Org.) *Environmental humanities: voices from the anthropocene*. Nova York: Rowman & LittleField, 2017, p. 01-21.

SANTAELLA, Lúcia. Pós-humano – por quê? *Revista USP*, São Paulo, n. 74, p. 126-137, jun. / ago. 2007.

SILVA, Suênio Stevenson Tomaz da Silva. *Apocalypse, sobrevivência e pós-humano: uma narrativa ecocrítica da trilogia MaddAddam*, de Margaret Atwood. 2019. 225f. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campina Grande, 2019.

SLOVIC, Scott. Seasick among the waves of ecocriticism: an inquiry into alternative historiographic metaphors. In: OPPERMANN, Serpil; IOVINO, Serenella (Org.) *Environ-mental humanities: voices from the Anthropocene*. Nova York: Rowman & LittleField, 2017, p. 99-111.

_____. Ecocriticism: containing multitudes, practicing doctrine. *ASLE News*, Keene (EUA), v. 11, n. 1 [Dossiê Ecocriticism at the MLA: a roundtable], p. 05-06, primavera 1999.

_____. Narrative scholarship as an American contribution to global ecocriticism. In: ZAPF, Hubert (Ed.). *Handbook of ecocriticism and cultural ecology*. Berlim; Boston: De Gruyter, 2016, p. 315-333.

SLOVIC, Scott; SLOVIC, Paul. *Numbers and nerves: information and meaning in a world of data*. Corvallis: Oregon State University Press, 2015.

WHEELER, Wendy. How the Earth speaks now: the book of nature and biosemiotics as theoretical resource for the environmental humanities in the twenty-first century. In: OPPERMANN, Serpil; IOVINO, Serenella (Org.). *Environmental humanities: voices from the anthropocene*. Nova York: Rowman & LittleField, 2017, p. 295-311.